O movimento do verbo na história do espanhol[1]

Carlos Felipe da Conceição Pinto
Unicamp

1. INTRODUÇÃO

A partir da assimetria entre as sentenças em (1) abaixo, os estudos em gramática gerativa têm discutido a posição do verbo nas diferentes línguas[2]:

(1) a. John often drinks wine. (inglês)

«João freqüentemente bebe vinho».

b. Jean bois souvent du vin. (francês)

«João bebe frequentemente do vinho».

(Hornstein, Nunes e Grohmann, 2005: 38)

Considerando-se que, em (1a) e (1b), o advérbio é o mesmo nas duas línguas, «freqüentemente», pode-se inferir que o advérbio permanece na mesma posição[3] e o verbo, em (1a), se realiza em uma posição mais baixa que o advérbio e, em (1b), se realiza em uma posição mais alta que o advérbio. Postulam-se, assim, três possíveis lugares de pouso para o verbo nas línguas humanas[4]: Vº - núcleo verbal, posição mais baixa como em (1a); Iº - núcleo da flexão, posição medial como em (1b); e Cº - núcleo do complementizador, posição mais alta da sentença. Evidências de que o verbo pode se realizar em Cº são dadas pelos diversos estudos sobre as línguas V2 (*verb second*). Veja-se o exemplo em (2):

---

[1] Este trabalho apresenta a discussão contida no meu Projeto de Tese de Doutorado em início de desenvolvimento, sob a orientação da profª drª Charlotte Galves, na Universidade Estadual de Campinas.

[2] A discussão original está em Pollock (1989), sobre a cisão do IP em outras categorias, como TP, AgrP, AspP etc.

[3] Advérbios de tipos diferentes podem posicionar-se em lugares diferentes. Considerar uma sentença como «felizmente o João saiu rapidamente», que apresenta dois advérbios: «rapidamente» modifica a ação de João sair e «felizmente» não está relacionado diretamente com a ação de João sair rapidamente.

[4] Consideramos neste ponto apenas as posições mais tradicionais VP, IP e CP. Contudo, cientes de que discussões mais recentes desmembram essas posições em outras mais.

(2) Diesen Roman **las** ich schon letztes Jahr

Este livro li eu já no último ano

(Roberts, 1992: 5 / 6; apud Ribeiro, 1995: 1)

Em (2), como o sujeito «ich» permanece na posição de SpecIP, onde checa Caso nominativo e concordância, o verbo, que está à sua esquerda, deve estar em uma posição mais alta, e a única posição disponível é o núcleo Cº.

Seguindo princípios de economia, Chomsky (1993, 1995) propõe que os movimentos sintáticos têm a finalidade de checar traços morfológicos, que, neste caso, são os traços do verbo e do núcleo que o abrigará. Assim, se os traços de tempo forem fortes o suficiente, o verbo se move para Iº/Tº, resultando na ordem *V Adv*, como no francês em (1b); caso contrário, permanece no Vº[5], resultando na ordem *Adv V*, como no inglês em (1a). Chomsky (1993; 1995) também argumenta que o movimento do verbo para Cº têm a finalidade de checar outros traços, que não propriamente os *V-features*.

Fontana (1993) comenta que as línguas V2 têm sido classificadas em dois grupos: a) línguas *V2 simétrico*, nas quais o efeito V2 se manifesta tanto em sentenças matrizes como em subordinadas, tais como o islandês e o iídiche. Neste tipo de línguas, o V2 seria derivado a partir de um IP sincrético, que, se comporta tanto como uma posição A como A-Barra[6]; b) línguas *V2 assimétrico*, no qual o efeito V2 se manifesta apenas em orações principais, como algumas línguas germânicas, como o alemão e o holandês. Neste tipo de línguas, o fenômeno V2 é derivado a partir do movimento Iº-to-Cº realizado pelo verbo finito[7].

---

[5] Como comentam Hornstein, Nunes e Grohmann (2005), o verbo sempre se move do V° para o *v*º, considerando-se o duplo VP, que neste ponto do projeto não é relevante.

[6] Parece que esta é a solução encontrada para resolver o problema da competição do verbo e do complementizador pela mesma posição dentro do modelo teórico da GB.

[7] Com relação às subordinadas, Ribeiro (1995: 43) sintetiza quatro tipos de línguas V2: a) línguas como o alemão, que só admitem V2 em completivas de verbos *pontes*, sem realização do complementador; b) línguas como o dinamarquês, também com V2 só em completivas de verbos pontes, mas com realização fonética do complementador; c) línguas como o islandês, com construções V2 em qualquer tipo de sentença encaixada e com realização fonética do complementador; d) línguas como o francês medieval, com V2 em completivas de verbos *pontes*, sendo facultativa a realização fonética do complementador.

2. PROBLEMAS

Fontana (1993) propõe que o EA[8] (diferentemente do EM[9]) era uma língua V2 do tipo do iídiche, que apresenta simetria entre orações principais e subordinadas. Os exemplos em (3) são do iídiche e os exemplos em (4) são do EA:

(3) a. Dos yingl vet oyfn veg zen a kats
(O menino vai na avenida ver um gato)

b. Oyfn veg vet dos yingl zen a kats.
(Na avenida vai o menino ver um gato)

c. az oyfn veg vet dos yingl zen a kats
(que na avenida vai o menino ver um gato)

(Fontana, 1993: 69)

(4) a. Este logar mostro dios a abraam.
(este lugar mostrou Deus a Abraão)

b. A micer May, que era embaxador en Roma, hizo S.M. Vicechanciller.
(A micer May, que era embaixador em Roma, fez S.M. Vice-chanceler)
(Fontana, 1993: 64)

c. ...dixol ...que nunca fiziera el rrey cosa por le fazer plazer
(Disse-lhe que nunca faria o rei algo para lhe agradar)

d. Quando esto oyo el Rey [...]
(Quando isto ouviu o Rei...)

(Fontana, 1993: 72)

Os exemplos em (3) mostram que, em qualquer tipo de oração, o verbo auxiliar está na segunda posição, seguindo um elemento XP. Da mesma forma que o iídiche, o EA apresenta uma ordenação V2, tanto em orações principais, como (4a-b), como em subordinadas, como (4c-d). Observa-se também que, tanto em (3c) como em (4c-d), a presença do complementizador não afeta a ordem V2.

No entanto, embora a ordem VSO, no EM, esteja em declínio, Zubizarreta (1998: 100) assume que faz parte da intuição dos falantes nativos e considera, assim, o EM uma língua V2 do mesmo tipo do EA[10]. Zubizarreta

[8] Utilizo as abreviações EA, EC e EM para Espanhol Arcaico, Espanhol Clássico e Espanhol Moderno respectivamente.

[9] Lapesa (1981), C. Aguilar (1997), entre outros, assumem que a história do espanhol é dividida em três períodos: a) Arcaico – origens até século XV; b) Clássico – séculos XVI e XVII (séculos de ouro); c) Moderno – a partir do século XVIII.

[10] Essa assumção de Zubizarreta (1998) é oposta à de Fontana (1993).

(1998) considera que esse declínio de uso na ordem VSO pode ser uma evidência de processo de mudança lingüística. Repetimos em (5) os exemplos do EA ilustrados em (4a-b) e acima. Os exemplos em (6) ilustram possibilidades do EM:

(5) a. Este logar mostro dios a abraam.
b. A micer May, que era embaxador en Roma, hizo S.M. Vicechanciller.
(Zubizarreta, 1998: 111. Dados de Fontana, 1993: 64)

(6) a. A menudo juegan niños en este parque.
b. Todos los días compra Juan el diario.
(Zubizarreta, 1998: 100/109)

Os exemplos (5a-b) e (6) mostram que a ordenação dos constituintes em ambas as fases do espanhol é XP1VSXP2, onde XP1 é um elemento à esquerda e XP2 é um complemento ou adjunto qualquer. Essa ordenação em ambas as fases, segundo Zubizarreta (1998), é resultante da mesma estrutura sintática, derivada a partir de um TP sincrético, que pode estar dotado dos traços de foco/tópico ou dos traços do sujeito.

No entanto, algumas evidências podem ser levantadas para mostrar que o EM não pode ser considerado uma língua V2 no mesmo sentido que o EA.

Registram-se, no EM, construções de clivagem encabeçadas pela cópula como ilustram os exemplos em (7):

(7) a. Era por ti por quien lloraba toda la boda. (C. Pinto, 2008: 87)
b. Es Juan el que ha llegado. (M. Cabrera, 1999: 4251)

Com relação às construções de clivagem, Kato e Ribeiro (2005; 2006) mostram que as línguas V2 não apresentam as construções de clivagem nas quais o XP focalizado checa os traços de foco no CP subordinado, como as ilustradas em (7) acima[11], tendo em vista que essas construções de clivagem ferem a ordenação V2[12]. Línguas V2, segundo Kato e Ribeiro (2005; 2006),

[11] M. Cabrera (1999: 4283) mostra que as «verdadeiras» *clivadas básicas*, com *que* invariável, eram atestadas nos textos do espanhol do século XVII, o que pode ser um indício do processo de mudança (ver a nota seguinte). No entanto, as «verdadeiras» clivadas ou clivadas [concordância], no sentindo de C. Pinto (2008), já não são possíveis no espanhol da Espanha atual, conforme vários estudos vêm mostrando.

[12] Kato e Ribeiro (2005; 2006) mostram que, das línguas germânicas, o inglês moderno é a única língua que apresenta as *it-clefts* porque foi a única língua germânica que perdeu a propriedade V2.

só apresentam construções de clivagem, como as ilustradas em (8) a seguir, nas quais o XP focalizado checa os traços de foco no CP matriz, onde satisfaz a propriedade V2 da língua:

(8) A DEMANDA DO SANTO GRAAL *é que* [...] em tam mostrará a estes homees bõos e a estes bem aventurados as maravilhas que andam buscando do Santo Graal.
(adaptado de Kato e Ribeiro, 2006: 176)

Zubizarreta (1998; 1999) diz que a ordem VS no EM está relacionada com fatores discursivos, como a focalização (foco informacional[13]) do sujeito, como em (9). Assim, uma sentença com ordem SV tendo S desacentuado, como em (10), pode indicar que o sujeito é informação velha (10a) ou que toda a sentença é informação nova (10b):

(9) A: ¿Quién se comió la manzana?
B: Se comió la manzana Pedro. / La manzana, se la comió Pedro.

(10) a. A: ¿Qué comió Pedro?
B: Pedro comió la manzana.
b. A: ¿Qué ocurrió?
B: Pedro comió la manzana.

Pode-se considerar que a ordem XPVS do EM é uma estratégia para focalização de sujeito, como em (9). Por outro lado, a ordem XPVS do EA resulta em uma estratégia diferente já que não implica em focalização de sujeito, como comenta Ribeiro (2005) a partir de (11) (os grifos são da autora):

(11) a. Boa dona, nõ vos dedes a atam grãde coita, ca <u>ben sabe Deus</u> que nõ esta aqui tal a que muyto nõ pese de vosso mal.
b. Buena dueña, non vos dedes a atan gran cuyta, ca <u>bien saben</u> que non esta aqui tal a que mucho non pese de vuestro mal. (M)
(Ribeiro, 2005: 7)

Com base no contraste entre (11a), do português arcaico, e (11b), do EA, Ribeiro (2005) diz que o sujeito não é o foco, porque, se o fosse, não poderia estar omitido, como ilustrado em (11b).

[13] Seguindo Zubizarreta (1998), o foco contrastivo pode ser colocado em qualquer posição na sentença. O acento é deslocado da posição mais encaixada na sentença para a posição do foco contrastivo. Além disso, Zubizarreta (1998; 1999) mostram que essas regras fonológicas para reconhecimento do acento neutro não são universais, mas particulares de cada língua.

Uma terceira evidência que pode ser levantada é expressa pelo contraste no fronteamento de objetos nas duas fases da língua espanhola. Fontana (1993) mostra que, no EM, a duplicação com o clítico é obrigatória; já no EA, a duplicação era impossível. O exemplo em (12a) é do EA e o exemplo em (12b) é do EM:

(12) a. Este logar mostro dios a abraam. (Fontana, 1993: 64)
b. Esta ciudad, *(la) destruyeron los bárbaros.
b'. Esta ciudad, los bárbaros *(la) destruyeron. (Zubizarreta, 1998: 110)

Diante desse panorama, alguns problemas podem ser apontados para serem desenvolvidos nesta pesquisa:

a) Assumindo-se a afirmação de Zubizarreta (1998), de que a ordem VSO está em declínio e diversos aspectos da sintaxe do EM (ex. ZAGONA, 2002), pode-se questionar se o EM ainda seria uma língua V2 no mesmo sentido que o EA;

b) Qual é a situação do EC: seria uma língua V2 como o EA ou apresentaria uma gramática diferenciada, que também seria diferente do EM?

c) Encontram-se dois tipos de inversão XPVS: a) a mostrada por Zubizarreta (1998) e Belleti (1999, 2002, 2003) para focalização de sujeito e b) a mostrada por Fontana (1993) e Ribeiro (1995, 2005) como ordem básica não-marcada de sujeito, tendo em vista a possibilidade de o sujeito estar oculto. Há, portanto, que distinguir em que tipo de língua o EA, clássico e moderno se encaixam;

d) Em termos teóricos, encontramos duas análises para o fenômeno V2: a) em línguas com V2 assimétrico, o verbo faria o movimento I°-to-C°, onde realizaria o fenômeno V2; b) em línguas com V2 simétrico, o verbo congelaria em I° / T°, que seria uma projeção sincrética (ora A, ora A-Barra) e aí realizaria o fenômeno V2. Tendo em vista o Programa Minimalista, que busca por análises mais econômicas, pode-se discutir a viabilidade de uma análise unificada para os dois tipos de língua V2;

e) No caso de ser assumida a primeira análise, utilizando o CP de Rizzi (1997),que contém várias outras projeções, como ForceP, TopP, FocP e FinP, em que posição estariam o verbo e o complementizador, no caso das sentenças subordinadas? Ribeiro (1995) comenta que a impossibilidade de verbo e complementizador co-ocorrerem em orações subordinadas em algumas línguas é uma evidência da competição pela mesma posição. No entanto, com a estrutura fina

de Rizzi (1997), esse problema pode ser diluído, tendo em vista a ampliação da periferia esquerda;

f) Considerando que as duas análises estão corretas, o que seria, então, o fenômeno V2?

3. HIPÓTESES

Algumas hipóteses são levantadas a partir da exposição feita acima:

a) Tendo em vista suas características sintáticas e a ordenação XPVS como uma estratégia de focalização de sujeito, o EM não pode ser considerado uma língua V2 no mesmo sentido que o EA;

b) Considerando a existência de construções de clivagem do tipo É X QUE, por exemplo, o EC devia apresentar um sistema um pouco diferente do EA;

c) Assumindo-se uma estrutura com CP, a posição do verbo no CP dependerá da estrutura informacional da sentença. Por exemplo, se o XP à esquerda for um foco, o verbo estará em Foc°, se o XP à esquerda for um tópico, o verbo estará em Top° a fim de satisfazer os critérios propostos por Rizzi (1991, 1997);

d) Seguindo princípios de economia conforme Chomsky (1993, 1995) e recorrendo a Chomsky (1957), de que quanto menos regras uma gramática tiver mais poderosa será essa gramática, a possibilidade de derivação do fenômeno V2 a partir de um IP/TP sincrético é menos econômica que uma análise que procure derivar o fenômeno V2 unicamente em CP tendo em vista a periferia fina de Rizzi (1997);

e) Seguindo essa linha de pensamento, o fenômeno V2 está relacionado intsecamente com a ordem básica de palavras, independentemente de fatores discursivos. Uma ordenação XPVS derivada de *p-movement*, conforme propõe Zubizarreta (1998), para a focalização de não implica numa língua V2 no sentido tradicional, como discutido por Fontana (1993) e Ribeiro (1995).

4. OBJETIVOS

– Descrever e explicar o movimento/posicionamento do verbo na história do espanhol à luz do Programa Minimalista a fim de identificar se o fenômeno V2 proposto por Zubizarreta (1998) para o EM é, real-

mente, o mesmo V2 no sentido estabelecido por Fontana (1993) para o EA.

5. JUSTIFICATIVA

Conforme propõe Chomsky (1993, 1995), por exemplo, o objeto de estudo do gerativismo não é a estrutura em si, mas a possibilidade de se gerarem estruturas, ou seja, a gramática universal, a faculdade da linguagem. Desta forma, neste quadro teórico, a mudança lingüística não está relacionada com a evolução das estruturas (gramáticas), mas com a sua substituição por novas estruturas tendo em vista que a faculdade da linguagem, como capacidade mental, se constitui um objeto estático, que não aceita transformação. A mudança lingüística, portanto, se dá através da aquisição de uma língua qualquer pelas novas gerações através da fixação de parâmetros com base no *input* oferecido pelas gerações anteriores. Assim, este trabalho se justifica porque pretende averiguar quais foram os fatores que contribuíram ou estejam contribuindo para a mudança na interpretação da posição do verbo na aquisição da língua espanhola pelas gerações posteriores e poderá contribuir com as discussões sobre a força dos traços formais dos itens lexicais, que, dentro do Programa Minimalista, é a responsável pela variação entre as línguas humanas.

6. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Lightfoot (1993) propõe uma teoria da mudança lingüística que não se baseia em leis ou generalizações como os estruturalistas e neogramáticos propuseram. Para Lightfoot (1993), a mudança lingüística se dá a partir da aquisição da linguagem no caso de a experiência lingüística da criança ser diferente da experiência do adulto.

Chomsky (1993, 1995) propõe que o ser humano tenha uma capacidade de entender e utilizar a linguagem, uma faculdade da linguagem que se difere de outros módulos do cérebro humano. Sendo assim, a teoria das línguas e expressões que essa faculdade da linguagem pode gerar é chamada da Gramática Universal (*Universal Grammar – UG*). A UG é tomada como um estado inicial So da faculdade da linguagem, com princípios invariantes com um pequeno espaço para variação. Assim, uma criança no estágio So, ao entrar em contato com os dados lingüísticos primários (*primary linguistic data, PLD*), ou seja, os dados lingüísticos aos quais a criança está exposta

na fase de aquisição da linguagem, vai gerar uma gramática de uma língua particular como ilustrado em (13): PLD -> UG -> G_L[1].

Desta forma, como argumenta Kroch (2001), era de se esperar que as línguas não mudassem, ao contrário do que, de fato, acontece. Lightfoot (1993) diz que os PLD aos quais a criança foi exposta, portanto, não podem ser os mesmos aos quais as gerações anteriores estiveram expostas.

Essa variação de PLD, segundo Kroch (2001), se deve principalmente a dos fatores: a) contato de línguas e b) alteração da robustez dos dados e conseqüentemente reanálise deles. No primeiro caso, de contato de línguas as gerações posteriores poderão adquirir uma língua «alterada» tendo em vista que o pai ou a mãe é falante dessa língua como língua estrangeira; assim, a criança poderá ter essa língua aprendida como língua estrangeira como seu PLD. No segundo caso, a freqüência dos dados pode afetar na interpretação do parâmetro por parte da criança, embora a criança não observe todos os tipos de sentenças e características da língua. Como os parâmetros são um grupo de propriedades de cada tipo de língua, basta encontrar uma pista nos dados para fixar o parâmetro. Comentando o caso da perda do fenômeno V2 no francês antigo, Kroch (2001) diz que as evidências de que o francês antigo era uma língua V2 eram fracas porque eram obscurecidas por outras propriedades da língua, por exemplo, ser uma língua parcialmente *pro-drop*, o que possibilitava que determinadas estruturas fossem analisadas tanto como V2 como não-V2 como ilustrado nos exemplos em (14) e (15) de Kroch (2001: 16):

(14) Si firent grant joie la nuit.
então fizeram grande alegria à noite

(15) a. Análise V2:
[CP si [C firent*i*] [IP pro *ti* grant joie la nuit]]
b. Análise não V2
[IP si [IP pro firent grant joie la nuit]]

Como o sujeito não está expresso em (13), gera-se uma leitura ambígua para a criança, que pode analisar a sentença como V2 em (14a) ou como não-V2, como em (14b).

Kroch (2001) também argumenta que a mudança, como no caso de (13) e (14), por exemplo, não é abrupta: uma parte da nova geração assume uma possibilidade e outra parte da nova geração assumirá outra, conviven-

[1] Radford (1997), no primeiro capítulo, propõe uma discussão semelhante, com base em Chomsky (1993; 1995).

do em um período de variação até que uma forma suplante a outra: o novo parâmetro pode suplantar o antigo ou a mudança pode retroceder.

7. METODOLOGÍA

Para a realização desta pesquisa, serão selecionados dois tipos de material para análise: a) para os dados históricos, serão selecionados documentos escritos, a partir do século XIII até primeira metade do século XX[2], em uma linguagem não literária nem notarial; pretende-se selecionar os gêneros cartas (narrativas) e obras de teatro[3], por serem os tipos que melhor refletem a língua «falada» no período, embora sejam sempre uma aproximação da realidade; b) com relação ao EM (considerando-se apenas o início do século XXI), selecionar-se-ão recortes de textos de revistas.

Com relação ao EM, é pertinente uma observação: muitos estudos têm tratado o EM como uma entidade lingüística homogênea; no máximo, separam o que é da Espanha do que é da América, como se Espanha e América formassem dois blocos lingüísticos homogêneos e opostos entre si. No entanto, F. de Weinberg (1993) propõe que essa divisão não é adequada. A autora comenta que:

> Lo que acabamos de considerar nos lleva a plantearnos a qué llamamos español americano, si —tal como hemos visto— no podemos hablar legítimamente de que se trate de una entidad dialectal que se oponga en bloque al español europeo. La conclusión es que entendemos por español americano una entidad que se puede definir geográfica e históricamente. Es decir, es el conjunto de variedades dialectales del español habladas en América, que comparten una historia común por tratarse de una lengua trasplantada a partir del proceso de conquista y colonización del territorio americano. Esto no implica desconocer el carácter complejo y variado de este proceso y sus repercusiones lingüísticas, dado que debemos diferenciar las regiones de poblamiento temprano (las Antillas, Panamá y México, por ejemplo) de otras de poblamiento más tardío (Río de la Plata en general y Uruguay en particular); las regiones de poblamiento directo a partir de España, de las de expansión americana; los distintos tipos de relación con la metrópoli, etc. (F. de Weinberg, 1993: 15)

---

[2] A Real Academia Española divide os seus *corpora* em dois *corpus*: diacrônico, que engloba textos das origens até 1975; atual, que contém textos a partir de 1975.

[3] Será feita uma seleção criteriosa das cartas tendo em vista que, em algumas ocasiões, podem apresentar um registro muito elaborado. As obras de teatro, embora sejam textos literários, têm uma relação muito maior com a fala espontânea; diferentemente dos poemas e poesias, por exemplo, que são influenciados por questões de rima, métrica, musicalidade etc.

Embora haja um alto índice de comunicabilidade entre os hispano-falantes, conforme retrata M. Fernández (2000), é de se esperar, também, que as diversas regiões apresentem alguma divergência com relação ao posicionamento no verbo na atualidade tendo em vista que a sócio-história dessas regiões foi diferente, embora essa divergência no posicionamento do verbo não afete a comunicação entre os diversos falantes nativos de espanhol.

Toribio (2000) comenta que os estudos de variação intralingüística têm ficado a cargo, sobretudo, da dialetologia, embora acredite que a variação intralingüística possa ser estudada dentro de uma visão gerativista do mesmo modo que a variação interlingüística. Dentro desta visão dialetológica, M. Fernández (2000) comenta que foi proposta para o EM uma divisão em oito zonas lingüísticas, cinco zonas americanas e três zonas espanholas[4]. Fanjul (2004) afirma que é difícil encontrar algum traço ou conjunto de traços que seja distintivo de uma única variedade do espanhol; pelo contrário, propõe que, se esses traços fossem projetados num mapa, sua aparição seria irregular, descontínua e intermitente, com maior aparição em uns territórios que em outros. Fica em aberto, portanto, com base na discussão de Fanjul (2004), se a variação sintática do EM é decorrente de possibilidades de uma mesma gramática ou de gramáticas diferentes. Essas considerações sobre a variação diatópica do EM são pertinentes no sentido de se evitar o truncamento de dados, considerando aspectos de variedades diferentes para delinear uma gramática única, frisando que esta pesquisa se detém no estudo diacrônico do verbo no espanhol europeu.

Com relação à análise e à extração dos dados, serão feitas uma análise qualitativa e uma quantitativa. Os trabalhos sobre mudança lingüística têm indicado que a mudança é gradual e, muitas vezes, pode durar séculos. Além disso, segundo Kroch (2001), ambas as formas, a inovadora e a conservadora, são encontradas na comunidade lingüística durante o período de mudança[5]. Fontana (1993) comenta que, embora o EA fosse uma língua V2, desde os textos mais antigos já se encontravam construções V1 e V3.

Assim, uma análise quantitativa indicará o padrão lingüístico do posicionamento do verbo em cada período. Por outro lado, uma análise qualitativa

---

[4] Zonas espanholas: a) Castilla; b) Andalucía; c) Canárias.
Zonas americanas: a) México e América Central; b) Caribe; c) Região Andina; d) Rio da Prata; e) Chile.

[5] Neste ponto, entra a discussão apresentada por Fontana (1993), sobre as duas hipóteses: a) os falantes tem apenas uma gramática invariavelmente e a variação se dá na diferença de gramática entre os falantes ou b) os falantes podem ter duas gramáticas e a variação decorre, também, da variação no falante?

indicará se variantes lingüísticas são possibilidades da mesma gramática ou se são indícios de um processo de mudança lingüística (competição de gramáticas). As evidências de que se passou de uma gramática para outra (no caso, de uma gramática V2 para uma gramática não-V2, conforme foi assumido nas hipóteses acima) será determinada pela união dos resultados da análise qualitativa com os resultados da análise quantitativa: se for registrado, por exemplo, um alto índice de construções V1/V3 cujas características sejam incompatíveis com uma gramática V2, por exemplo, poderá ser assumido que, nesse momento, os falantes já apresentam uma gramática diferente da gramática das gerações anteriores.

Tendo em vista a análise qualitativa, serão utilizados fragmentos de textos de, pelo menos, dois autores diferentes por período. A análise de um único texto ou de um único autor por período inviabiliza a discussão sobre se a variação antes da mudança é possível num mesmo falante (a hipótese da gramática dupla) ou se a variação é possível apenas em falantes diferentes da mesma comunidade tendo em vista a divergência na interpretação e marcação dos parâmetros (a hipótese da gramática única). Além disso, a análise de textos de um único autor pode não refletir, de fato, as características da comunidade lingüística e da gramática do período, mas sim características do estilo particular do autor. Um outro ponto relevante sobre a seleção dos textos é o fato de que, pelo menos para o EA, serão selecionados apenas textos de autores do norte da Espanha, principalmente castelhanos tendo em vista que até o final da reconquista no século XV, pelo menos, a variedade castelhana (posteriormente chamada de espanhol) não estava difundida em toda a Espanha.

No caso de documentos muito extensos, como as narrativas ou obras de teatro, para os dados históricos, serão analisadas partes dos documentos. A finalidade de um corpus híbrido é indicar as possibilidades existentes na gramática do período, procurando evitar ao máximo que o gênero do texto possa interferir na análise dos dados oferecendo dados do estilo particular do autor.

Com respeito às questões puramente lingüísticas da análise qualitativa, serão observados, entre outros aspectos que serão melhor refinados após a revisão teórica: a) a posição linear do verbo na sentença (que deve passar por uma análise mais minuciosa pensando na estrutura); b) os tipos de verbo (inergativos, inacusativos ou transitivos); c) os tipos de construções verbais possíveis (como foi visto, construções de clivagem encabeçadas pela cópula são indícios da perda do V2); d) a relação entre o verbo e outros

elementos da sentença, tal como clíticos, negação, advérbios e o próprio sujeito.

Nos dois primeiros semestres, será feitos um grande levantamento bibliográfico e revisão teórica a fim de se ter: a) um maior conhecimento sobre a questão do V2 nas línguas humanas; b) buscar apoio em outros estudos sobre a questão do movimento do verbo no espanhol, seja na história, seja na atualidade; c) refinar os critérios de análise dos dados.

BIBLIOGRAFÍA

Belletti, A., 2003, *Extended doubling and the VP periphery*, Universidade de Siena, ms.

_____, 2002, *Aspects of the low IP área*, Universidade de Siena, ms.

_____, 1999, «Inversion as focalization and related questions». *CatWPL*, 7: 9-45.

Cano Aguilar, R., 1997, *El español a través de los tiempos*, Madrid, Arco/Libros.

Chomsky, N., 1995, *El programa minimalista*, Madrid, Alianza.

_____, 1993, «A minimalism program for linguistic theory», en: K. Hale y S. J. Keyser (orgs.), *The view from Building 20*, Cambridge/Mass., MIT Press. (citado do manuscrito).

_____, 1957, *Estruturas sintáticas*, Martins Fontes, São Paulo.

Conceição Pinto, C. F. da, 2008, *Uma análise das construções de clivagem e outras construções focalizadoras no espanhol atual*, Dissertação (Mestrado em Letras), Salvador, Universidade Federal da Bahia.

Fanjul, A., 2004, «Português Brasileiro, Espanhol de... onde? Analogias incertas», *Letras & Letras*, 20: 165-183.

Fontana, J. M., 1993, *Phrase structure and the Syntax of clitics in the history of Spanish*, Tese (Doutorado em Lingüística), Universidade da Pensilvânia.

Fontanella de Weinberg, M. B., 1993, *El español de América*, Madrid, Mapfre.

Hornstein, N, J. Nunes y K. K. Grohmann, 2005, *Understanding Minimalism,* New York, Cambridge University Press.

Kato, M. e Ribeiro, I. , 2006, «A evolução das estruturas clivadas no português: período V2», en: T. Lobo *et al.* (org.), *Para a história do português brasileiro*, Salvador, EDUFBA, v. 2, pp. 165-182.

_____, 2005, «Cleft sentences and WH-questions in Brazilian Portuguese: a diachronic analysis», *Annual Linguistic Symposium on Romance Language*, v. 35, New York, Oxford.

Kroch, A., 2001, «Syntactic Change», Universidade da Pensilvânia, ms.

Lapesa, R., 1981, *Historia de la lengua española*, 9ª ed., Madrid, Gredos.

Lightfoot, D., 1993, «Uma ciência da história?». *D.E.L.T.A.*, 9 (2): 275-294.

Moreno Cabrera, J. C., 1999, «Las funciones informativas: las perífrasis de relativo y otras construcciones perifrásticas», en: I. Bosque y V. Demonte (orgs.), *Gramática descriptiva de la lengua española*, v. 3, Madrid, Espasa Calpe, pp. 4245-4302.

Moreno Fernández, F., 2000, *Qué español enseñar*, Madrid, Arco/Libros.

Pollock, J. Y., 1989, «Verb movement, universal grammar, and the structure of IP», *Linguistic Inquiry*, 20: 365-424.

Radford, A., 1997, *Syntactic theory and the structure of English: a minimalist approach*, Cambridge, Cambridge.

Ribeiro, I., 2005, «Um estudo da ordenação dos constituintes em duas versões da Crônica Geral de Espanha», en: Congresso Internacional da Abralin, v. 4.

_____, 1995, *A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2*, Tese (Doutorado em Lingüística), Campinas, Universidade Estadual de Campinas.

Rizzi, L., 1997, «The fine structure of the left periphery», en: L. Haegeman (org.), *Elements of grammar*, Kluwer, Dordrecht, pp. 281-337.

_____, 1991, *Residual verb second and the Wh criterion*, Universidade de Geneva, ms.

Toribio, J., 2000, «Setting parametric limits on dialectal variation in Spanish», *Língua*, 10: 315-341.

Zagona, K., 2002, *The syntax of Spanish*, Cambridge, Cambridge University Press.

Zubizarreta, M. L., 1999, «Las funciones informativas: tema y foco», en: I. Bosque. y V. Demonte (orgs.), *Gramática descriptiva de la lengua española*, v. 3, Madrid, Espasa Calpe, pp. 4215-4244.

_____, 1998, *Prosody, focus, and word order*, Cambridge, Mass, The MIT Press.